



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

JACIELE DA SILVA CRUZ

“A BELA LULU”: ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E EMPODERAMENTO FEMININO

**GUARABIRA/PB
2018**

JACIELE DA SILVA CRUZ

“A BELA LULU”: ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E EMPODERAMENTO FEMININO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Orientador: Prof. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos.

**GUARABIRA/PB
2018**

C955b Cruz, Jaciele da Silva.
"A bela Lulu" [manuscrito] : estereótipos de gênero e empoderamento feminino / Jaciele da Silva Cruz. - 2018.
35 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
"Orientação : Profa. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Estereótipos de gênero. 2. Feminismo. 3. Desenhos animados. I. Título
21. ed. CDD 305.42

JACIELE DA SILVA CRUZ

"A BELA LULU": ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E EMPODERAMENTO FEMININO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Fundamentos da Educação e Formação Docente

Aprovada em: 28/11/2018.



Prof. Ma. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Prof. Me. Sheila Gomes de Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico, primeiramente a Deus que na Sua infinita bondade permitiu-me concretizar esse trabalho, e a minha mãe Maria do Socorro Henrique da Silva, a quem hoje realizo não apenas um sonho meu, mas também dela, assim como ao meu pai José P. Da Silva e as minhas irmãs Ana Bárbara P. Da Silva e Regina P. Da Silva.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, pelo dom da vida e pela oportunidade de chegar até aqui, após uma densa caminhada, de muitas tribulações, onde Ele sempre esteve comigo, sendo meu fôlego e sustento, me capacitando e me fortalecendo imensa e constantemente.

A minha família, na pessoa da minha mãe Maria do Socorro Henrique da Silva, que é e sempre foi a minha maior incentivadora ao longo de toda a minha trajetória escolar e acadêmica e o meu maior exemplo de força e coragem na vida.

A professora Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, que me recebeu de braços abertos, pela parceria, atenção, confiança, dedicação e, principalmente, paciência no decorrer de toda essa orientação.

Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da UEPB - Campus III - Guarabira, que colaboraram sem precedentes para a minha formação, em especial ao mestre Rafael Francisco Braz, que contribuiu significativamente deixando o interesse e incentivo maior para o desenvolvimento do presente trabalho e a mestra Sheila Gomes de Melo, um grande exemplo de profissional e ser humano a ser seguido na docência e vida.

A colega de classe, que ao longo de todo esse tempo se tornou uma grande amiga e companheira dos momentos bons e ruins, Mônica Miguel, que sempre esteve ao meu lado com palavras positivas, de ânimo e motivação que levarei em meu coração para sempre.

“Se não empregarmos a camisa de força do gênero nas crianças pequenas, daremos a elas espaço para alcançar todo o seu potencial.” (ADICHIE)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: bertura de "A bela Lulu".....	24
Figura 2: Placa na entrada do Clube do Bolinha.....	25
Figura 3: Lulu reorganiza a frase da placa.....	26
Figura 4: Lulu descobre o que os meninos pensam dele.....	26
Figura 5: A bela Lulu.....	28
Figura 6: Bolinha se encanta por Lulu.....	28
Figura 7: Lição da Lulu.....	29

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 LULUZINHA: CARACTERÍSTICAS E MENSAGENS	11
3 O QUE É FEMINISMO?.....	13
4 OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E OS DESENHOS ANIMADOS	19
5 A BELA LULU.....	24
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS	33

“A BELA LULU”: ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E EMPODERAMENTO FEMININO

Jaciele da Silva Cruz¹

RESUMO

A sociedade contemporânea necessita que os direitos das mulheres sejam respeitados e garantidos, além da necessidade de combate à violência contra as mesmas. Para tanto, os diversos âmbitos sociais e produções culturais precisam promover a igualdade entre gêneros desde a mais tenra idade. Observa-se que as produções audiovisuais possuem um papel relevante na construção ou desconstrução de estereótipos socialmente convencionados, o que pode auxiliar na legitimação, visibilidade e reconhecimento dos direitos femininos na sociedade. Sendo assim, este trabalho busca refletir acerca da desconstrução do estereótipo e empoderamento feminino por meio do episódio “A bela Lulu” da animação canadense e norte-americana Luluzinha (1995), inspirada nas HQ’s produzidas por Marjorie Henderson Buell. Para fundamentar esta pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e exploratório de cunho documental, utilizamos as contribuições de Adichie (2015), Alves e Alves (2013), Beauvoir (1970), Butler (1990), Petchesky (1996) e Siqueira (2014) entre outros, a fim de fundamentar as reflexões teóricas aqui desenvolvidas.

Palavras-chave: Estereótipos de gênero. Feminismo. Desenhos animados.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo pode-se observar que a participação social feminina sempre foi restringida e o discurso que legitima a subordinação da mulher ao homem é veiculado nas diversas esferas sociais, fato que reforça as amarras do patriarcado que oprime a mulher sem nenhuma fundamentação biológica, apenas como construtos sociais.

Contudo, a partir do século XIX surge o feminismo como um movimento organizado contra a submissão imposta à mulher e que luta por sua autonomia enquanto sujeito social. A batalha pela igualdade social entre os gêneros é uma constante até o contexto hodierno, haja vista que as práticas de exclusão da mulher ainda persistem, enquanto os homens gozam livremente de seus direitos ao serem favorecidos pelo seu gênero.

¹ Aluna do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, Centro de Humanidades.
E-mail: jacieleribeiro408@gmail.com

A partir deste contexto, este trabalho busca refletir acerca dos estereótipos de gênero, ao tentar desconstruir conceitos pré-estabelecidos acerca das funções que homens e mulheres desempenham em sociedade. Para tanto, por meio de pesquisa bibliográfica e exploratória documental de caráter qualitativo a partir de um raciocínio dedutivo procurou-se compreender como o episódio “A bela Lulu”, do desenho animado *Luluzinha* (1935), concebe a contestação da representação da mulher/criança que foge aos padrões impostos pela sociedade e a contribuição que a cultura *pop* por meio de desenhos animados pode trazer para o empoderamento feminino.

Sendo assim, utilizou-se as contribuições de Adichie (2015), Alves e Alves (2013), Beauvoir (1970), Butler (1990), Petchesky (1996) e Siqueira (2014), entre outros autores, que corroboram a necessidade de promoção da igualdade/equidade entre gêneros na sociedade contemporânea.

Para alcançar os objetivos aos quais nos propomos, este trabalho está organizado em cinco tópicos: *Luluzinha: características e mensagens* – neste tópico é apresentado de forma panorâmica o *corpus* deste trabalho e a sua relação com a luta pelo empoderamento feminino; *O que é feminismo* – Nesta sessão é exposto como se iniciou o movimento feminista e quais são as suas principais lutas; *o estereótipos de gênero e os desenhos animados* – aqui é discutida a relação entre a luta pela igualdade entre os gêneros e como os desenhos animados podem ser ferramentas que auxiliam no empoderamento feminino; *Abela Lulu* – neste tópico é desenvolvida a análise do desenho, onde se une a teoria e o *corpus* em estudo.

2 LULUZINHA: CARACTERÍSTICAS E MENSAGENS

A personagem Luluzinha criada pela americana Marjorie Henderson Buell, a primeira cartunista feminina a obter fama mundial, teve a sua primeira aparição em 1934 no jornal “The Saturday Evening Post” com a intenção de substituir um personagem das histórias em quadrinhos, mas o seu sucesso foi tão grande entre o público que se tornou um clássico transformando-se em desenho animado posteriormente.

As primeiras temporadas do desenho animado na televisão foram no fim da década de 1970, contando com os seguintes personagens: Luluzinha, Bolinha, Glorinha, Carequinha, Juca, Plínio, Zeca, Carlinhos, Aninha e Alvinho. Logo se

tornou um grande sucesso e também referência ao movimento feminista da época, pois tem como personagem principal uma menina de aproximadamente 8 anos de idade que, diferentemente dos demais desenhos animados do período, aparece frequentemente tendo atitudes e realizando tarefas “modernas”, que até então eram rotuladas como privilégios exclusivamente dos meninos.

Com seus cabelos cacheados e seu vestido vermelho, Lulu Palhares está sempre lutando corajosamente por seus ideais, mostrando aos meninos do famoso Clube do Bolinha que as garotas podem sim fazer as mesmas coisas que os garotos e até melhor. Esse comportamento da personagem Luluzinha direciona a representação da mulher/menina em sociedade ao encontro de um questionamento feito por Adichie (2015, p. 44) *“E se criássemos nossas crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? E se focássemos em seus interesses, sem considerar gênero?”*. Uma vez que os estereótipos não se fundamentam em questões biológicas, mas sim em convenções sociais, a pequena Lulu através das suas aventuras transmite ao telespectador lições importantes por trás de suas cenas divertidas relacionadas à questão de gênero que são sem sombra de dúvidas pertinentes até os dias de hoje; onde infelizmente ainda nos deparamos com os estereótipos relativos ao comportamento feminino que continuam a se propagar em nossa sociedade através das gerações.

O termo Clube do Bolinha e Clube da Luluzinha são ainda difundidos, fazendo referência ao desenho onde Tomás França, mais conhecido como Bolinha, era proprietário do famoso clube do bairro onde a regra era clara: “proibida a entrada de meninas”. Luluzinha não aceita essa imposição e está constantemente entrando em conflito com os garotos a fim de que ela e suas amigas também possam participar das reuniões. Observa-se, dessa forma, que o desenho animado, enquanto produto da indústria cultural, não se apresenta apenas como mero entretenimento.

Tomando como base o pensamento de Douglas Kellner acerca da cultura das mídias, pode-se inferir que *“não são simples veículos de uma ideologia dominante nem entretenimento puro e inocente. Ao contrário, são produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos”* (2001, p.13). Assim, fica evidente a separação entre meninos e meninas desde essa época e que perpetua até a atualidade, demonstrando a desigualdade social dos sexos, além da promoção dos direitos das mulheres e seus interesses.

É importante salientar também no desenho animado a questão dos padrões de beleza, onde Luluzinha não se destaca como a menina mais bela do bairro, sendo vista na grande maioria das vezes com maus olhos por eles; justamente por não seguir os padrões estipulados, mas sim Glória, menina esnobe, que é tida pelos meninos como a garota ideal, ressaltando assim que Lulu deveria ser como ela para que os meninos gostassem dela.

Desse modo, percebemos a condição que é imposta a mulher desde cedo, como se fosse obrigação da mesma desenvolver características fúteis e supérfluas a fim de vital e unicamente se sentir querida e amada por um homem, se reprimindo e conseqüentemente se submetendo ao desejo alheio, além do sentimento de rivalidade que também é estimulado precocemente contribuindo para a constante competição entre meninas e posteriormente entre mulheres sem o mínimo de empatia umas pelas outras.

Apesar de ter afeição por bonecas e coisas típicas de meninas da sua idade, Lulu é uma pequena e forte representante feminina que está sempre combatendo o machismo em seu dia a dia desde muito cedo. Dilema que nós mulheres conhecemos muitíssimo bem, porque assim como ela enfrentamos desde sempre, e que é referência para o desenho animado que mesmo que “inconscientemente” transmite a realidade a qual nós mulheres estamos designadas ainda mesmo na infância, que deveria ser certamente uma fase totalmente livre de todo e qualquer ideal, entretanto não o é.

3 O QUE É FEMINISMO?

Na década de 60, surge nos Estados Unidos, consoante Alves e Alves (2013), o movimento feminista organizado, o qual tinha como principal objetivo ir além da emancipação da mulher ao lutar para alcançar a libertação da mesma, tendo em vista que os dois termos se distinguem, como afirma Betto (2001) ao dizer que:

Emancipar-se é equiparar-se ao homem em direitos jurídicos, políticos e econômicos. Libertar-se é querer ir mais adiante, [...] realçar as condições que regem a alteridade nas relações de gênero, de modo a afirmar a mulher como indivíduo autônomo, independente [...] (BETTO, 2001, p. 20).

Assim, o movimento propunha e propõe ainda hoje que as mulheres transformem a si mesmas e ao mundo, superando a sua condição social de opressão e/ou exploração histórica na sociedade como um todo.

As tendências do movimento feminista podem ser divididas três momentos ou ondas, que seriam as seguintes: a primeira do século XIX ao início do século XX com o sufrágio feminino, a segunda entre as décadas de 60 e 70 com a luta das mulheres por igualdade legal e social e a terceira a partir da década de 90 em diante com a redefinição das estratégias anteriores.

Resumidamente, podemos dizer que o sufrágio feminino foi a fase mais “comportada” do feminismo, sinalizando assim o caráter conservador do movimento, que ainda não questionava a condição social de opressão das mulheres. Gomes (2008, p. 34) delimita o conceito de sufrágio:

Literalmente, o vocábulo sufrágio significa aprovação, opinião favorável, apoio, concordância, aclamação. Denota, pois, a manifestação de vontade de um conjunto de pessoas para escolha de representantes políticos. [...] Trata-se do poder de decidir sobre o destino da comunidade, os rumos do governo, a condução da Administração Pública. O sufrágio é a essência dos direitos políticos, porquanto enseja a participação popular no governo, sendo este o responsável pela condução do Estado.

Posteriormente o feminismo adotou uma postura mais “malcomportada”, quando passa a contar com a participação de mulheres de diversas esferas sociais, tais como intelectuais e operárias. É nesse momento que se começa a discutir a opressão causada pela dominação masculina, questiona-se a sexualidade, o direito ao divórcio e à educação formal, para que a mulher não seja colocada à margem da sociedade. Segundo Goldenberg (1992, p. 30):

Os anos 70 marcaram uma reviravolta no movimento feminista, que passou a colocar como um dos eixos da sua luta a questão da relação homem-mulher e a necessidade de reformulação dos padrões sexuais vigentes.

Um importante destaque do momento histórico é o livro “O segundo sexo” da autora Simone de Beauvoir mostrando que a hierarquia e opressão que os homens impõem às mulheres não é algo resultante do caráter biológico, mas socialmente constituído. A autora questiona o lugar da mulher na sociedade e ao mesmo tempo faz críticas que impulsionam ainda mais o movimento feminista da época:

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o “sexo” para dizer que

ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, 1970, p. 10)

Por fim, entramos na terceira vertente do feminismo que é ainda mais malcomportada do que todas as outras, configurando-se a partir da multiplicidade e avanço do movimento pelo mundo como filosofia política. A respeito das transformações ocorridas no e pelo feminismo na atualidade, Butler (1990, p. 20-21 apud DUARTE, 2018, p. 03-04) nos afirma que *“A crítica feminista tem de tentar compreender de que maneira a categoria ‘mulheres’ é ‘produzida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio dos quais busca sua emancipação.’”*

Apesar de ter como marco o seu reconhecimento no século XIX, há indícios de que as suas primeiras expressões tiveram surgimento entre os séculos XV e XVIII com as grandes revoluções quando as mulheres começaram a fazer as suas próprias reivindicações, e então as conquistas femininas começaram a aparecer, principalmente na Revolução Francesa de 1789 a 1799, e posteriormente na Revolução Industrial de 1780 a 1830, e também no período de guerras quando as mulheres passaram a ser “usadas” como mão de obra.

Em meio a muitas lutas pela defesa dos direitos das mulheres, observa-se que na década de 1990 o movimento feminista apresenta novas características, expondo questões como o corpo, a saúde e a sexualidade da mulher que antes eram cercadas por tabus e limitadamente tratadas num contexto extremamente privado. Foi nesse momento também que houve uma maior abertura do mercado de trabalho para as mulheres, além de outras conquistas alcançadas nessa fase, perdurando até os dias de hoje.

Atualmente as feministas encontram novos desafios como: o assédio sexual, o aborto, conseqüentemente, e a representatividade política. O assédio sexual – fruto da mentalidade de dominação e poder do homem sobre a mulher – continua presente no cotidiano de milhares de mulheres diariamente, descartando assim a ilusão de vivermos democraticamente, de modo que nos é perceptível que o patriarcado histórico continua a se propagar por meio de práticas de dominação e de violência contra as mulheres.

Na grande maioria dos crimes sexuais é possível notar que mesmo a mulher sendo vítima, contraditoriamente, esta tem ainda a sua moralidade colocada no

banco dos réus e assim além de explorada sexualmente é também moralmente. É certo que as normas jurídicas, assim como a sociedade Ocidental, é regida por paradigmas masculinos históricos como nos afirma Gisela Maria Bester (1988 *apud* DUARTE, 2001, p. 06):

No campo epistemológico, converter o gênero em objeto de investigação de diversas áreas do saber provoca uma crise de paradigma, já que os discursos teóricos das ciências foram construídos a partir de uma perspectiva masculina, pois a ideologia patriarcal permitiu que os varões se afirmassem como indivíduos, por serem criadores da cultura, e a mulher, em contrapartida, foi tematizada como incapaz de produzir individualidades.

Essa discussão abre espaço para o debate sobre o aborto, que é uma constante no discurso e lutas feministas, tendo em vista que este muitas vezes é fruto de assédio sexual se desmembrando em gravidez indesejada para a mulher.

O aborto é uma das pautas mais polêmicas tratadas pelo feminismo, tendo em vista que a categoria “público” e “privado” estão constantemente fazendo parte do debate em detrimento de, no ponto de vista feminista, o corpo da mulher não dizer respeito a ninguém além dela mesma e conseqüentemente as decisões acerca dele também. Destacando que com o controle da reprodução por parte delas há uma maior igualdade entre os sexos, sabendo que uma gestação tem suas conseqüências que implicam consideravelmente nas esferas profissionais e também políticas da vida em sociedade da mulher. Côrrea e Petchesky (1996, p. 159) afirmam que:

Para que as decisões reprodutivas sejam ‘livres’, e não compelidas pelas circunstâncias ou por desespero, é necessário que existam certas condições que constituam a base dos direitos sexuais e reprodutivos, o que as feministas denominam ‘autonomia feminina’.

A partir disso, o domínio em relação às conseqüências provenientes do sexo, como destaca Flávia Biroli (2014, p. 124), *“poderia ser, assim, parte da construção de uma vida sexual mais prazerosa e menos atada a convenções definidas pelas posições de poder e pelos interesses masculinos”*. Na temática também é problematizada a idealização quanto a maternidade, caracterizada social e historicamente como uma tendência natural de todas as mulheres, o que, de certo, é inverídico, além da criminalização do aborto gerar cada vez mais violência sobre os corpos das mulheres pobres e principalmente negras.

No sentido do feminismo negro é relevante destacarmos a essência do movimento que abrange questões muito pessoais/particulares, como Silva (2013, p. 109), nos prescreve:

As discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, ainda que diversos, promovendo experiências distintas na condição de classe e, no caso, na vivência da pobreza, a influenciar seus preditores e, conseqüentemente, suas estratégias de superação. Neste sentido, são as mulheres negras que vivenciam estas duas experiências, aquelas sempre identificadas como ocupantes permanentes da base da hierarquia social.

Desta forma, é possível identificarmos toda a opressão e exclusão que acomete especialmente a classe feminina negra, que além de já enfrentar a discriminação histórica basicamente por ser mulher, sexo tido como frágil/inferior, subordinado ao homem, tem ainda de encarar o racismo, sendo assim vítimas de exploração e opressão ademais sólidas em múltiplos âmbitos ao longo de toda a sua vida.

Quanto a representatividade política da mulher, sabemos que somente após muitas lutas as mulheres conseguiram o seu direito de votar sem restrições, porém uma nova batalha se iniciou a fim de que as mesmas tenham uma vida política realmente no sentido amplo da palavra, envolvendo-se e participando das decisões públicas em sua essência, com voz e com vez, já que os assuntos de domínio público era única e exclusivamente tratado pelos homens, enquanto as mulheres tinham somente na sociedade o papel de cuidar do lar e dos filhos se mantendo submissa sobre “proteção” do marido.

Pelo longo período que viveu como uma espécie de apêndice do marido, sem poder exercer atividade profissional ou ter acesso a educação, a mulher guarda ainda resquícios e até mesmo certo preconceito, muitas vezes, contra próprias colegas que ousam buscar ocupar os espaços que durante muito tempo era permitido somente aos homens. (BELLOZO, 2006, p.15).

Assim, acabou-se por retardar consideravelmente a atuação da mulher na vida política de modo que após uma longa e suada caminhada chegando ao momento atual onde além de poderem votar, podem também ser eleitas, tendo inclusive igualdade salarial.

Deste modo, nota-se a relevância desta luta histórica e percebe-se a grande necessidade da introdução cada vez maior de mulheres na vida política, tendo em vista que seu envolvimento ainda não é satisfatório, em decorrência da sua inserção

política tardia, a fim de que transformem o contexto histórico no qual estão inseridas visando melhorias no seu papel perante a sociedade através de questões sócio-políticas fortalecidas.

Desde sua inserção na vida política brasileira, através do código eleitoral de 1932, as mulheres vêm ampliando lentamente sua participação política, embora sua participação como representante esteja muito aquém das suas reais possibilidades, observadas através dos números que revelam a mulher como maioria nos quadros demográficos e eleitorais. (BELLOZO, 2008, p. 17).

É importante salientar que mesmo com toda expressividade do movimento feminista ao longo do tempo, ainda fazemos parte de uma sociedade extremamente preconceituosa, discriminatória e machista, que nada mais é do que o fruto de um modelo patriarcal. Segundo Pedro (2010, p. 3):

As relações de gênero presentes no patriarcado pressupõem que o órgão sexual determina as funções sociais. Dessa forma, a sociedade constrói uma identidade social, que é construída através dos distintos papéis que são atribuídos a homens e a mulheres.

Vemos assim que, infelizmente, predomina ainda na contemporaneidade as diferenciações entre homens e mulheres, de modo que o primeiro tende a se sobrepôr ao segundo, muitas das vezes desqualificando a mulher em relação a vários âmbitos da sociedade tais como o trabalho e classe social. Este fato mostra que, apesar de termos passado por diversos processos que levaram ao progresso social, econômico e especialmente tecnológico, perduram até hoje velhas hostilidades resultantes de construtos históricos entre nós que necessitam ser combatidas crucialmente.

É de suma importância destacar a relevância de que as causas do movimento feminista sejam conhecidas e reconhecidas em sua essência por todos, trazendo para a esfera política problemas que anteriormente não eram pensados como políticos, a fim de eliminar “mal entendidos” acerca da temática, que infelizmente continuam a se propagar, destacando ainda um grande preconceito social quanto ao termo. Como Ponte de Miranda nos preceitua:

[...] não se compreenderiam uma sociedade e uma ordem jurídica em que o respeito da dignidade e da autonomia da pessoa fosse procurado apenas nas relações com o Estado e deixasse de ser nas relações das pessoas entre si. Não basta, pois, limitar o poder público; é preciso também assegurar o respeito das liberdades de cada pessoa pelas demais pessoas (2000: 325).

Evidenciando que o principal propósito do movimento é questionar os papéis relativos a gênero atribuídos historicamente às mulheres, além de promover a autonomia da mulher como um todo, o movimento feminista visa banir a opressão herdada do patriarcado histórico mundial, numa sociedade conseqüentemente resistente aos novos conceitos de gênero, culturalmente ainda machista, propondo tornar a mulher a verdadeira autora/ protagonista, em todos os aspectos, de sua história, considerando-a, acima de tudo, concreta e efetivamente uma agente social.

4 OS ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO E OS DESENHOS ANIMADOS

São perceptíveis as diferenças de comportamento de acordo com o gênero que são impostas a meninas e meninos ainda antes do seu nascimento. Esta imposição reforça e propaga ao longo de toda a vida os papéis históricos socialmente construídos do homem e da mulher, tendo em vista que desde o conhecimento do sexo da criança, na preparação do seu enxoval, já são determinadas as expectativas sociais pré-estabelecidas para a mesma, que vão desde a cor do seu quarto, roupas, itens pessoais, até diferentes modos de pensar e agir que lhe serão ensinados conforme o sexo biológico, de modo que a tendência a internalizar e reproduzir os estereótipos de gênero é grande. Gomes (1994, p. 58) nos afirma que:

A família transmite às novas gerações, especialmente à criança, desde o nascimento, padrões de comportamento, hábitos, usos, costumes, valores, atitudes, um padrão de linguagem. Enfim, maneiras de pensar, de se expressar, de sentir, de agir e de reagir que lhe são próprios, naturais. Não bastasse tudo isso, ela ainda promove a construção das bases da subjetividade, da personalidade e da identidade. Deriva disso a enorme importância da família tendo em vista a vida futura de cada criança: ela, a família, constrói os alicerces do adulto futuro.

É na infância que é construída a identidade da criança através de brincadeiras, brinquedos e diversas outras atividades que são caracterizadas como femininas e/ou masculinas. Comumente ouvimos nessa fase frases direcionadas às crianças como “homem não chora” ou “senta como uma mocinha”, além de futebol ser designado como brincadeira de menino e casinha determinada como brincadeira

de menina, de modo que é reforçada através desses estereótipos a desigualdade social entre os gêneros.

Nesse contexto, as diversas formas disponíveis na sociedade podem tanto ajudar a reforçar os estereótipos que marcam a desigualdade entre os gêneros, quanto podem ajudar a desconstruí-los – é nessa conjuntura resultante das convenções sócio-histórico-culturais que os desenhos animados estão inseridos. Pois, consoante Siqueira (2014, p. 80) *“Embora muitos ainda pensem nesses programas como entretenimento descomprometido, é interessante pensá-los como entretenimento comprometido com valores, com visões de mundo”*.

Para o senso comum, certos comportamentos já são vistos como naturais devido às heranças históricas ao longo do tempo que estão arraigadas culturalmente. Todavia, segundo a filosofia existencialista de Simone de Beauvoir, feminista francesa, os sujeitos não já nascem com propósitos predefinidos, mas sim os constroem no decorrer de sua caminhada existencial, sendo assim, a genética nada tem haver com a cultural e/ou comportamentos dos indivíduos. Destarte, a filósofa Judith Butler (1987) afirma também que os hábitos femininos ou masculinos não se dão de modo natural, sendo normas social e historicamente prescritas.

Assim, os sujeitos são submetidos às regras impostas socialmente que levam as mulheres a se comportarem de forma feminina predeterminada e os homens a se portarem de modo masculino pré-definidamente. Azeredo (1993, p. 44) nos diz que:

Somos definidos desde o nascimento, conforme os padrões da cultura e da sociedade. Os adultos nos apresentam as coisas cristalizadas, segundo uma classificação de contrastes onde só existem claro ou escuro, frio ou calor, bem ou mal, homem ou mulher.

Percebemos, portanto, que a sociedade à qual pertencemos espera que um corpo feminino cumpra obrigatoriamente aquilo que lhe é historicamente destinado, assim como também se espera que um corpo masculino atenda aquilo que é determinado socialmente a sua "masculinidade".

Desta maneira esse tipo de comportamento é visto como da natureza humana, quando na realidade se trata de uma construção social, que precisa ser superada o quanto antes, a fim de que toda e qualquer criança possa se desenvolver plenamente, seja qual for o seu sexo; tendo em vista que a sua formação integral

está além de desigualdade e/ou estereótipos de gênero quaisquer na infância, que sem sombra de dúvidas têm de ser veementemente combatidos e rompidos.

O processo de construção da identidade de gênero tem importância fundamental para o desenvolvimento dos indivíduos, pois determina interesses, atitudes e comportamentos que o acompanharão ao longo da vida. (COSTA; ANTONIAZZI, 1999, p. 67).

É certo que meninos e meninas têm as mesmas condições de aprender, desenvolver suas habilidades e assumir responsabilidades, porém a sociedade prepara os homens para correrem riscos e serem sempre fortes, enquanto as mulheres são ensinadas a serem delicadas e buscar a perfeição, assim elas tendem a se tornar mais inseguras e com medo de posteriormente enfrentar os grandes desafios da vida. Notamos assim, a importância de as meninas terem a sua coragem incentivada desde cedo, assim como os meninos aprenderem a lidar e demonstrar os seus sentimentos sem se sentirem envergonhados.

Assim sendo, é de grande relevância empoderar as meninas ainda pequenas a fim de que as mesmas não se submetam a estereótipos que as aprisionam, impedindo-as de ser primeiramente felizes e aquilo que elas realmente são e sentem; assim como também é muito importante que desde cedo os meninos aprendam valores como: limites, respeito a todas pessoas independentemente de sexo, além da não reprodução de violências múltiplas direcionadas às mulheres e também assim como as meninas podem sentir medo, vontade de chorar e dúvidas.

Ao compreender que a sociedade contemporânea precisa promover uma educação baseada no respeito e igualdade/equidade entre os gêneros, observa-se que o meio audiovisual, especialmente as produções destinadas ao público infanto-juvenil, traz o protagonismo feminino em várias obras tais como *Valente* (2012), *Frozen: uma aventura congelante* (2013), *Malévola* (2014) e *Moana: um mar de aventuras* (2016), entre outros, onde apresentam a transformação da ordem de representação dos papéis dos homens e das mulheres, fato este que dá voz às personagens femininas que culturalmente são silenciadas. Contudo, este fato não é recente ou não se restringe a obras recentes, como é o caso do *corpus* em questão, em que Lulu Palhares é essencial na desconstrução da habitual representação da subordinação da mulher em relação ao homem.

Tais atitudes são fundamentais no sentido que dão espaço para as mulheres conquistarem seus direitos e para os homens serem mais felizes e assim

consequentemente termos uma sociedade melhor e mais justa com sujeitos que respeitam os direitos humanos, promovendo a equidade e com igualdade de oportunidades para ambos os sexos, além de respeito mútuo que é essencial para a vida pacífica em sociedade.

Vários estudos estão sendo feitos para debater e demonstrar ações que busquem a igualdade entre homens e mulheres poderão contribuir na construção de um mundo que seja plural, onde o feminino e o masculino não sejam oprimidos nem opressores, buscando assim desconstruir certas práticas, discursos e representações que discriminam, oprimem e submetem algumas pessoas em função do gênero. (CUNHA; SANTOS, 014, p.01)

Sabendo que a maioria das crianças dos dias atuais passa a maior parte do seu tempo diante das telas de celulares, tablets, computadores e televisões, assistindo aos seus desenhos animados e outras produções audiovisuais preferidos, sabe-se que esse tipo de programação pode exercer uma grande influência na formação dos mesmos.

Compreende-se que a criança é um ser em construção e o seu desenvolvimento vai de acordo com aquilo que vivencia ao longo de sua construção enquanto sujeito social, assim, a criança em seu processo de formação é mais suscetível a absorver tanto os aspectos positivos como também os aspectos negativos advindos da forma como são representados os direitos e deveres de homens e mulheres por meio de seus programas televisivos preferidos.

É certo que o mundo do faz de conta é importante para o imaginário da criança, entretanto é necessária muita atenção ao que os pequenos veem a fim de que não sejam reproduzidos posteriormente conteúdos agressivos em forma de comportamentos violentos, tendo em vista que é comum que após assistir a certo desenho animado a criança passe a reproduzir as atitudes do seu personagem predileto, além de estereótipos, como modelos de beleza superficiais e de gênero, que determinam um padrão hegemônico a ser seguido em sociedade, pois *“o desenho animado traz valores e modelos determinados que serão copiados pela criança, no sentido de afetar e modelar sua conduta”* (SALGADO, 2005, p. 8).

É comum a difusão dos desenhos animados de conteúdos educativos cada vez mais nos dias de hoje, como nunca se viu antes, porém cabe questionar: que tipo de educação é que esses desenhos estão oferecendo as nossas crianças? De modo que é de extrema importância saber como gerenciar a gigantesca profusão de

mídias do mundo globalizado, a fim de que o efeito nocivo presente em alguns desenhos animados não se propague negativamente na formação do caráter e comportamento das crianças em sociedade. Bee (1984) faz a seguinte colocação do assunto:

[...] a TV pode mostrar uma perspectiva muito exagerada de papéis femininos e masculinos que levam e reforçam estereótipos – mulheres mais conformadas, dependentes e menos eficientes e menos fisicamente ativas – exposição afeta visão que a criança tem dos homens e mulheres – presente também nos desenhos. (BEE, 1984, p.320)

Assim, nota-se a grande influência que o desenho animado pode exercer na formação da personalidade de uma criança, evidenciando, portanto, a importância da atenção quanto àquilo que os pequenos estão vendo diariamente; em especial no que concerne às meninas que são induzidas mesmo que inconscientemente a reproduzirem os estereótipos de gênero impostos pela sociedade reproduzindo basicamente atividades do lar como que treinando as mesmas a exercer essa função futuramente como se fosse esse o fim único da vida da mulher. Sayão (2002b, p. 5) nos diz sobre isso que:

As diferenças são engendradas nas crianças pouco a pouco por diversos mecanismos que envolvem suas interações com os adultos, as outras crianças, a televisão, o cinema, a música etc. A demarcação do que cabe aos meninos ou às meninas se inicia bem cedo e ocorre pela materialidade e também pela subjetividade. Essas relações influenciam nas elaborações que as crianças fazem sobre si, os outros e a cultura, e contribuem para compor sua identidade de gênero.

O futuro de uma criança não pode e certamente não é definido de acordo com o seu sexo biológico. É fundamental que desde cedo os pequenos comecem a ter conhecimento disso, visando a não reprodução de discursos e comportamentos prejudiciais ao seu pleno desenvolvimento e autoestima, especialmente as meninas, a fim de que empoderadas desde cedo elas possam vencer as barreiras que lhes são atribuídas pelos padrões histórico-sociais, tornando-se, assim, mulheres fortalecidas independentemente de aprovação masculina, com mais amor próprio, empatia e conhecimento e propriedade sobre as causas feministas.

5 A BELA LULU

O desenho animado Luluzinha (Little Lulu) teve surgimento a partir do grande sucesso das histórias em quadrinhos criadas pela americana Marjorie Henderson Buell; a primeira cartunista feminina a obter fama mundial², fato de bastante relevância ao contexto ao qual aqui tratamos da personagem que conquistou o público com seu jeito independente e forte de ser, mesmo ainda sendo uma criança.

As atitudes da personagem falavam por si só, indo na contramão daquilo que seria naturalmente esperado de garotinha de sua idade pela sociedade. Fazendo referência ao movimento feminista, Lulu é uma pequena e, ao mesmo tempo, grande representante das lutas femininas mundo a fora, que tem início ainda na infância e que, certamente, perduram ao longo de toda a vida da mulher.

No tocante ao episódio “Bela Lulu”, objeto de estudo deste trabalho, temos em evidência a sua personalidade empoderada e extremamente crítica em relação ao mundo, como se dão as relações e os estereótipos de gênero na sociedade na qual estamos inseridos, que se caracteriza por ser historicamente patriarcal e conseqüentemente machista, desde a infância.

Ao início do episódio “A bela Lulu”, a garotinha inicia com uma reflexão acerca da diferença no comportamento e habilidades que os meninos e meninas apresentam. De forma divertida, Lulu mostra ao público em seu show e ao telespectador que o comportamento das meninas difere do dos meninos, uma vez que elas conseguem realizar mais atividades do que eles. Lulu afirma que para entender o comportamento dos meninos é necessário compreender o cérebro deles, por isso mostra como ele está organizado ao expor as prioridades que os meninos e meninas dão às coisas, como se pode observar abaixo:

² Informações disponíveis em: < <http://colorindonuvens.com/blog/2012/05/09/hq-historia-luluzinha/>>. Acesso em 10 de novembro de 2018.



Figura 1: Abertura de "A bela Lulu"
Fonte: YouTube

Como se pode observar por meio da imagem acima, o cérebro dos meninos é dividido em três partes: uma destinada a carros, outra a média de baseball e o terceiro espaço está disponível. Em contra partida, o cérebro das meninas é mais organizado e se dedica a atividades mais complexas, tais como: matemática, ciências, literatura, música, arte, como encontrar um livro na biblioteca, cientista espacial, física nuclear, presidente, rainha, primeiro ministro.

A partir disto, nota-se que a as habilidades e exercício de determinadas funções na sociedade que comumente são relacionadas a homens, Lulu atribui à mulher. A personagem apresenta ao telespectador que as mulheres são capazes de desenvolver diversas atividades de forma sistematizada e eficiente, mas que o sistema patriarcal insiste em torna-las relativas ao homem.

Esta crítica torna-se explícita, por exemplo, se o espectador refletir acerca do primeiro-ministro que ela cita e que é uma das profissões que as mulheres podem exercer, mas que geralmente é preenchida por homens, como é o caso do parlamento inglês na figura de Margaret Thatcher, a primeira mulher a se tornar a Primeira-Ministra além de ter o maior período no cargo. Desta forma Luluzinha denuncia o machismo, o qual tende a limitar a participação da mulher na sociedade, ao mostrar que a mulher é cognitivamente capaz de exercer as mesmas atividades que os homens haja vista que, nos exemplos que ela apresenta, o pensamento dos meninos é mais prático/simples do que o das meninas.

Após a abertura, o episódio inicia com Luluzinha à procura de seu amigo Bolinha quando se depara com o famoso Clube do Bolinha, onde é proibida a entrada de meninas; pois os mesmos as consideram inferiores e por isso elas não podem estar entre eles, sendo deste modo excluídas. Ao chegar ao clube, como

podemos ver, Lulu se depara com uma placa com o seguinte enunciado: “Meninas bobas, cuidado. Só meninos podem passar deste ponto!”



Figura 2: Placa na entrada do Clube do Bolinha
Fonte: YouTube

Assim, fica evidente a separação entre meninos e meninas desde a infância e que perpetua até a fase adulta, demonstrando a desigualdade social dos sexos, além da não promoção dos direitos das mulheres e seus interesses. Luluzinha decididamente se contrapõe e se manifesta modificando a frase para: “Meninas, cuidado. Só meninos bobos podem passar deste ponto!”. Tal e qual é possível observarmos mais adiante na figura 3. Isto nos remete à afirmação de Kellner (2001, p. 424) em que o mesmo afirma que “É importante a capacidade de perceber as várias expressões e os vários códigos ideológicos presentes nas produções da nossa cultura e fazer uma distinção entre as ideologias hegemônicas e as imagens, os discursos e os textos que as subvertem”.



Figura 3: Lulu reorganiza a frase da placa
Fonte: YouTube

Evidenciando assim a sua coragem e determinação, Lulu ultrapassa o limite determinado pelos meninos e começa a escutar pela parede o que eles conversam e nota que falam sobre meninas, diversos elogios; porém, quando o seu nome é citado, a história muda e ela é considerada como a menina mais feia do bairro inteiro. Ao ouvir isso, Luluzinha se desespera caindo em prantos e vai embora, correndo para casa, podendo ser visto na figura 4:



Figura 4: Lulu descobre o que os meninos pensam dele
Fonte: YouTube

Desse modo, percebemos a condição que é imposta à mulher desde cedo, como se fosse obrigação da mesma desenvolver características fúteis e supérfluas a fim de vital e unicamente se sentir querida e amada por um homem, se reprimindo e conseqüentemente se submetendo ao desejo alheio.

É evidente neste momento do episódio uma situação à qual as mulheres são submetidas desde a infância. Julgamentos que, por ingenuidade talvez e falta de senso crítico, acabam por magoá-las profundamente e levam-nas, na maioria das vezes, a quererem se enquadrar nos padrões que a sociedade impõe, nem que para isso tenham que deixar de lado a sua verdadeira essência; o que proporciona uma busca em pertencer a padrões do que ser feliz, em um processo quase que inconsciente, mesmo ainda tão pequenas, que foi justamente o que aconteceu com Lulu.

Chegando a casa ainda em total desespero, a mãe de Lulu logo percebe e corre ao seu encontro e, após a garotinha lhe explicar o ocorrido, as duas têm uma ideia: transformar por completo o visual de Lulu. A menina fica realmente irreconhecível e isso, aparentemente, lhe agrada muito. No lugar de seus cachos

agora ela tem cabelos cuidadosamente presos em um penteado clássico, o seu confortável vestido dá lugar agora a uma peça curta e que evidencia a sua cintura, além de ombros a mostra, brincos chamativos e perfume forte também compõem a nova aparência da personagem, que deste modo mais parece uma adulta do que uma criança, como é exposto na figura 5:



Figura 5: A bela Lulu
Fonte: YouTube

É válido ressaltar neste momento que o que aqui ocorre já é algo muito, comum principalmente nos dias de hoje, que seria a chamada “adultização”³ da criança, em especial de meninas, como estímulo a sensualidade e até mesmo a sexualidade desde tão cedo.

Luluzinha então sai à rua e logo chama a atenção de todos os meninos do bairro, inclusive de Bolinha, além de provocar a ira de Glorinha, que sempre foi o centro das atenções dos garotos, a qual passa a se sentir extremamente enciumada com sua a presença. A menina que antes era tida como a mais feia do bairro, agora é considerada a mais bela de todas. Ela está irreconhecível e todos aqueles meninos que a desprezavam agora estão encantados com a sua beleza e, literalmente, correm atrás dela, fazendo elogios como: linda, cheirosa, e até maravilhosa. Elogios esses que enchem o ego da pequena Lulu, como podemos ver abaixo na figura 6:

³ Como resultado desses estímulos adultizados constantes, as crianças podem se apropriar de comportamentos, atitudes, hábitos, formas de lazer, cuidados, responsabilidades e ações típicas de uma vida de adulto. Essa apropriação, fora de um contexto de brincadeira, caracteriza um processo de adultização. Adultizar é, portanto, incentivar a inserção extrema da criança em contextos não relacionados à infância. (WEBER; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, 2016, p. 07)



Figura 6: Bolinha se encanta por Lulu
Fonte: YouTube

Temos aqui uma crítica a algo muito comum ao cotidiano feminino que é a disputa entre mulheres a fim de sobressair umas às outras em relação a beleza, conquista, relacionamentos, entre outros aspectos que nos são incitados desde muito cedo e que estimulam gradativamente a rivalidade feminina, não dando espaço algum à sororidade que, na realidade, deveria ser o sentimento maior de união entre as mulheres. Porém, na nossa sociedade extremamente machista, é ainda uma palavra, infelizmente, pouco conhecida e seu conceito menos ainda.

Posteriormente, os meninos entram em confronto pela bela menina, mas Lulu não gosta nada dessa desordem e sai de cena com a seguinte afirmação: *“Ser bonita causa muita confusão.”* Ela, então, volta para casa correndo e não percebe que Alvinho a segue. O menino fica surpreso ao perceber que aquela linda garota na realidade era Luluzinha.

Logo em seguida a menina já aparece com a sua aparência tradicional e muito satisfeita e ao ser questionada por sua mãe sobre o motivo que a fez trocar de roupa, ela responde, sarcasticamente, que: *“Eu acho que tenho alergia a beleza!”* E sai para a rua alegremente. Alvinho, que colhia flores para a bela Lulu, ao se deparar com ela, agora com a sua aparência natural de criança não adultizada, muda totalmente de postura e joga as flores maldosamente em cima da garotinha e sai correndo, mas a menina não leva isso em consideração e afirma segura de si, como veremos abaixo: *“Assim eu gosto mais!”* .



Figura 7: Lição da Lulu
Fonte: YouTube

Ao dar a sua lição ao final do episódio na figura 7, observa-se neste momento que a essência de Luluzinha se sobressai a todo e qualquer tipo de padrão que lhe é imposto socialmente, de modo que a personagem prefere voltar a sua vida anterior, com situações corriqueiras do seu dia a dia, independentemente de julgamentos, preferindo ser aquilo que realmente é e que lhe faz feliz do que mudar o seu jeito de ser para agradar aos outros, especificamente aos meninos. Ela percebe que pode ser aquilo que quiser, mas que a sua felicidade está acima de qualquer outra coisa e/ou pessoa, evidenciando no fim do episódio uma mensagem ao público e especialmente as meninas/mulheres, acima de tudo, de amor próprio.

Este fato nos leva a observar que a mídia desempenha um papel importante no que concerne à representação dos comportamentos e padrões que são impostos aos gêneros, pois *“a mídia não determina coisa alguma, como se vê, mas prescreve. [...] Desta maneira, hábitos fortemente arraigados podem mudar”* (SODRÉ, 2002, p.61).

Desta forma, o desenho Luluzinha que traz uma criança como personagem principal ajuda a romper com os estereótipos de comportamento relativo aos gêneros, principalmente no que concerne ao público infantil para o qual esse desenho se destina; sendo assim, o desenho Luluzinha, em especial o episódio “A bela Lulu”, constitui-se como uma narrativa audiovisual que auxilia no empoderamento feminino desde a infância ao romper com os padrões patriarcais de representação da mulher/menina de forma sexualizada.

Notamos, portanto que em um simples episódio de aproximadamente oito minutos a personagem Luluzinha, menina de cerca de oito anos de idade apenas, consegue nos transmitir lições altamente relevantes ainda nos dias de hoje, tanto

para crianças como também para adultos, sejam homens ou mulheres, tendo em vista que infelizmente ainda continuamos a nos deparar com os estereótipos de gênero que ainda persistem em se propagar em nossa sociedade através das gerações, necessitando assim serem superados o quanto antes a fim de construir espaços verdadeiramente democráticos e igualitários para todos, independente de gênero e/ou qualquer outro tipo de classificação que gera aos indivíduos transtornos referentes a discriminação, preconceito e/ ou exclusão social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, pode-se apreender que a luta pela legitimação dos direitos das mulheres deve ser uma ação constantes, uma vez que os rígidos construtos sociais ainda limitam a participação da mulher em sociedade de forma plena, haja vista que o patriarcalismo está enraizado nas bases da sociedade e convencionou culturalmente as formas de representação e o comportamento dos gêneros feminino e masculino.

A partir do desenvolvimento deste trabalho de cunho bibliográfico e documental acerca dos estereótipos de gênero e empoderamento feminino por meio do desenho animado *Luluzinha* em seu episódio “A bela Lulu”, observou-se que a sociedade patriarcal sempre busca diminuir a participação social feminina por meio da imposição de normas de comportamento que ligam a mulher a uma representação de fragilidade e delicadeza, as quais devem servir como forma de sedução do gênero masculino, o que reforçaria a função de procriação e cuidadora do lar historicamente instituída.

A personagem *Luluzinha* subverte o padrão de representação de gênero ao mostrar uma garotinha que questiona as construções sociais acerca do que é inerente ao comportamento masculino e/ou feminino. Por não se encaixar em um padrão corporal ou comportamental usualmente feminino, a personagem não reflete a sexualização infantil comum de outras animações.

Dessa forma, é notório que a indústria cultural tem a função, entre tantas outras, de manter ou transgredir os paradigmas sociais. Neste caso, a animação *Luluzinha* auxilia na luta contra a submissão feminina, o que faz com que os seus telespectadores, em sua maioria o público infanto-juvenil, percebam e questionem a opressão sofrida pelas mulheres, a qual está relacionada ao gênero.

Pedagogicamente a animação Luluzinha é um relevante recurso didático a ser explorado no ambiente escolar, mais propriamente no âmbito da sala de aula tendo em vista o atrativo visual e a linguagem de fácil absorção para as crianças da faixa etária do ensino fundamental I. A partir disso, é de suma importância ao professor o olhar atento e a sensibilidade no sentido de discutir com os seus alunos e conscientizar acerca de temáticas referentes ao sexismo, que é fruto de uma sociedade historicamente machista e que tende a se perpetuar nas salas de aulas ainda que de maneira sutil porém com significativa expressividade em relação ao separatismo entre os sexos desde a mais tenra idade. Sastre et al (1999) afirma que:

Descobrir a praticar uma forma de ensino não-discriminatória não é difícil, realmente difícil é abandonar velhas formas que durante anos nos pareceram as únicas possíveis. Assim como as metodologias, os conteúdos da educação refletem uma forma de conceber o mundo. Conforme imaginarmos este mundo, acreditarmos na necessidade de desenvolver determinados conhecimentos, atitudes, habilidades ou sentimentos para vivermos neles. (SASTRE et. al 1999, p. 13)

Deste modo, é essencial que o pedagogo seja capaz de enxergar e intervir em seu espaço de trabalho, o qual é de notória responsabilidade na construção de homens e mulheres que atuarão em nossa sociedade posteriormente, visando além da formação escolar também a formação humana para uma vida social na qual a desigualdade entre os sexos seja diminuída e a subordinação da mulher ao homem superada de modo significativo para a formação do caráter de sujeitos conscientes e tolerantes na construção de uma sociedade mais justa para verdadeiramente todos.

Destarte, fazendo com que rompam com os padrões cristalizados historicamente a memória/imaginário social que estão vinculados a uma representação em que as mulheres “[...] sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas” (BOURDIEU, 2007, p. 82).

ABSTRACT

Contemporary society needs the rights of women to be respected and guaranteed, as well as the need to combat violence against women. To that end, the various social spheres and cultural productions must promote gender equality from an early age. It is observed that audiovisual productions have a relevant role in the construction or deconstruction of socially agreed stereotypes, which may help in legitimizing, visibility and recognition of women's rights in society. Thus, this work seeks to reflect on the deconstruction of stereotype and female empowerment through the episode "The

beautiful Lulu" of the Canadian and North American animation *Little Lulu* (1995), inspired by the comics produced by Marjorie Henderson Buell. In order to support this qualitative bibliographic and exploratory research of a documentary nature, we used the contributions of Adichie (2015), Alves and Alves (2013), Beauvoir (1970), Butler (1990), Petchesky (1996) and Siqueira (2014) among others, for the purpose to develop the theoretical reflections used in this work.

Keywords: Gender stereotypes. Feminism. Cartoon.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, C. N. *Sejamos todos feministas*. Companhia das Letras: São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKewi3lvfNnqneAhUME5AKHQEyDyEQFjABegQIAxAB&url=http%3A%2F%2Flelivros.love%2Fbook%2Fbaixar-livro-sejamos-todos-feministas-chimamanda-ngozi-adichie-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online%2F&usq=AOvVaw2Mt6elwpl6tl-yePBRsbk>>. Acesso em 27 de outubro de 2018.
- ALVES, A. C. F.; ALVES, A. K. S. As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo social das mulheres. In.: *IV Seminário CETROS: Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social*. 29 a 31 de maio de 2013 – Fortaleza – CE – UECE – Itaperi.
- AZEREDO, R. H. S. Identidade sexual. In: RIBEIRO, M. (Org.). *Educação sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p. 39-50.
- BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BEE, H. *A Criança em Desenvolvimento*. 3ª. Edição, São Paulo, Ed Harper & Row do Brasil, 1984
- BELLOZO, E. *A Mulher na Política Brasileira: Um Estudo da Sub – representação Feminina*. Tese do curso de mestrado, apresentado na Universidade de Londrina, 2006.
- BESTER, G. M. *Gênero e Ciência: Reflexões sobre uma Epistemologia Jurídica na Obra Waratiana*. Estudos Jurídicos. São Leopoldo: Editora Unisinos (31), 1988.
- BETTO, F. *A marca do batom: Como o movimento feminista evoluiu no Brasil e no mundo*. ALAI, América Latina em Movimento, 2001. Disponível em: . Acesso em: 17 jul. 2011.

BIROLI, F. O debate sobre o aborto. In: BIROLI, F; MIGUEL, L. F. *Feminismo e política*. São Paulo: Boitempo, 2014.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORRÊA, S. PETCHESKY, R. Direitos Sexuais e Reprodutivos: Uma Perspectiva Feminista; In: *Physis -Revista de Saúde coletiva*. Rio de Janeiro: IMS/UERJ. V. 6, nº. 1/2, 1996.

COSTA, F. O.; ANTONIAZZI, A. S. *A influência da socialização primária na construção da identidade de gênero: percepções dos pais*. Paidéia, Ribeirão Preto, p. 67- 75, 1999.

DUARTE, D. D. A. O. O feminismo no corpo da mulher trans. In: *Congresso Nacional de Gênero e Sexualidade*, 2018, CAMPINA GRANDE. ANAIS XIII CONAGES, 2018. v. 2.

DUARTE, L. B. Assédio Sexual Sob a Perspectiva do Direito de Gênero. In.: *DOCTRINA RDP* Nº 5. 2001. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwidmtq5w8reAhXIk5AKHZXTBRAQFjAAegQICBAC&url=http%3A%2F%2Fwww.mpsp.mp.br%2Fportal%2Fpage%2Fportal%2Fdocumentacao_e_divulgacao%2Fdoc_biblioteca%2Fbibli_servicos_produtos%2Fbibli_boletim%2Fbibli_bol_2006%2FRDP_05_15.pdf&usg=AOvVaw0df2ev4oLODA8zo4YoV4SD>. Acesso em 10 de outubro de 2018.

GOLDENBERG, M. *Sobre a invenção do casal*. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro-RJ, 2001.V.1 Nº 1. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v1n1/artigos/Artigo%207%20-%20V1N1.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

GOMES, J. V. Socialização primária: tarefa familiar? In.: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 54-61, nov. 1994.

GOMES, J. J. *Direito Eleitoral*. 2. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2008. Disponível em: Acesso em: 07 out. 2012.

KELLNER, D. *A cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: Edusc, 2001.

PEDRO, C. B. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social das mulheres. *Anais do I Simpósio sobre estudos de gênero e políticas públicas. GT 2. Gênero e Movimentos Sociais* – Coord. Renata Gonçalves, Universidade de Londrina – Paraná, p.10, jun. 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arqui_vos/1.ClaudiaBraganca.pdf>. Acesso em 01 de agosto de 2018.

PONTES DE MIRANDA. *Tratado de Direito Privado*. t. 7 Campinas: Bookseller, 2000.

SALGADO, R. *O brincar e os desenhos animados: um diálogo com os superheróis mirins*. Entrevista Ponto e contraponto, 2005.

SASTRE, G. et al. *Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal*. São Paulo: Moderna; Campinas: Ed. Unicamp, 1999.

SAYÃO, D. T. *Pedagogias do corpo ou constituição de bons-moços e boas moças*. Estudos Feministas, v. 9, n. 1, p. 310-313, 2001.

SILVA, T. T. (org.). *Identidade e Diferença: perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIQUEIRA, D. C. O. Mídia, educação e entretenimento: a produção de sentidos na divulgação da ciência. In: TAVARES, Denise, REZENDE, Renata (orgs). *Mídias e divulgação científica: desafios e experimentações em meio à popularização da ciência*. Rio de Janeiro: Ciências e cognição, 2014. p. 76-91.

SODRÉ, M. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TOSCANO, M.; GOLDENBERG, M. *A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

WEBER, T. B. B.; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, E. C. Mídia, Consumo e a Adultização de Crianças: Uma Reflexão Macrossocial. In.: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*. Curitiba, 2016